


CEM FLORES

A dark blue, semi-transparent portrait of Friedrich Engels, a man with a beard and mustache, wearing a suit and a cravat. The portrait is centered in the background of the page.

**ENGELS E A ANÁLISE DA
SITUAÇÃO DAS CLASSES
TRABALHADORAS**

Engels e a Análise da Situação das Classes Trabalhadoras

200 anos do nascimento de Friedrich Engels

cemflores.org

2020



Rua Wentworth, Londres. Obra de Gustave Doré, 1856.

Não me interessava um conhecimento apenas abstrato de meu tema – eu queria conhecer-vos em vossas casas, observar-vos em vossa vida cotidiana, debater convosco vossas condições de vida e vossos tormentos; eu queria ser uma testemunha de vossas lutas contra o poder social e político de vossos opressores.

Engels, *Dedicatória às classes trabalhadoras da Grã-Bretanha*, 1845.

*É certo que antes dele muitos tinham descrito os sofrimentos do proletariado e indicado a necessidade de lhe prestar ajuda. **Engels foi o primeiro a declarar que o proletariado não é só uma classe que sofre, mas que a miserável situação econômica em que se encontra empurra-o irresistivelmente para a frente e obriga-o a lutar pela sua emancipação definitiva. E o proletariado em luta ajudar-se-á a si mesmo. O movimento político da classe operária levará, inevitavelmente, os operários à consciência de que não há para eles outra saída senão o socialismo. Por seu lado, o socialismo só será uma força quando se tornar o objetivo da luta política da classe operária.***

Lênin, [Friedrich Engels, 1895.](#)

[A situação da classe trabalhadora na Inglaterra foi o] *primeiro livro na Grã-Bretanha ou em qualquer outro país que tratou da classe trabalhadora como um todo e não apenas de setores e indústrias particulares. Em segundo lugar, e mais importante, não foi apenas um levantamento das condições da classe trabalhadora, mas uma análise geral da evolução do capitalismo industrial, do impacto social da industrialização e suas consequências políticas e sociais – incluindo o surgimento do movimento operário. Na verdade, foi a primeira tentativa em larga escala de aplicar o método marxista ao estudo concreto da sociedade, e provavelmente a primeira obra de Marx ou Engels que os fundadores do marxismo consideraram suficientemente valiosa para merecer ser preservada permanentemente.*

Hobsbawn, *Introdução ao livro de Engels “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”*, 1961.

Sumário

Introdução	8
1. Visão geral sobre <i>A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra</i>	12
2. O advento do modo de produção capitalista e seu impacto na vida das massas trabalhadoras: a infraestrutura da sociedade como fundamento das classes	19
3. O proletariado como classe fundamental do capitalismo: despossessão, segmentação e concorrência no mercado de trabalho	25
4. Os efeitos da condição proletária sobre os proletários: trabalho, cidade, moradia, família, cultura e saúde	31
5. A resistência contínua das classes trabalhadoras: a luta por unidade, independência e emancipação	37
6. A análise do proletariado enquanto análise de seu inimigo: os interesses da burguesia e o seu Estado	45
Considerações finais	49

Introdução

Friedrich Engels nasceu na Prússia (atual Alemanha), em 28 de novembro de 1820. Duzentos anos após seu nascimento é fundamental para os comunistas resgatar quem ele foi e discutir qual sua importância para os dias de hoje.

Engels nasceu em uma família burguesa, filho de um industrial. Apesar disso, não seguiu os passos do pai, não cumpriu o destino esperado por sua família e por sua classe. Participando desde muito cedo da vida intelectual e dos debates filosóficos e políticos de sua época, foi cada vez mais atraído pelo movimento operário e pelos círculos comunistas que começaram a se formar na Europa, diante do nascente capitalismo industrial de meados do século XIX. À causa proletária e comunista dedicará toda a sua vida.

Juntamente com outro teórico e revolucionário, Karl Marx, eles construirão as bases teóricas do comunismo e da análise científica do capitalismo, superando a crítica moral e filosófica da sociedade moderna, como era comum entre seus contemporâneos. Tal contribuição impulsionará de forma determinante o movimento operário, que passou a poder se municiar de uma teoria revolucionária na luta por sua emancipação.

Como resume [Lênin](#), quando da morte de Engels, em 1895:

Marx e Engels foram os primeiros a demonstrar que a classe operária e as suas reivindicações são um produto necessário do regime econômico atual que, juntamente com a burguesia, cria e organiza inevitavelmente o proletariado; demonstraram que não são as tentativas bem intencionadas dos homens de coração generoso que libertarão a humanidade dos males que hoje a esmagam, mas a luta de classe do proletariado organizado. Marx e Engels foram os primeiros a explicar, nas suas obras científicas, que o socialismo não é uma invenção de sonhadores, mas o objetivo final e o resultado necessário do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade atual. Toda a história escrita até aos nossos dias é a história da luta de classes, a sucessão no domínio e nas vitórias de umas classes sociais sobre outras. E este estado de coisas continuará enquanto não tiverem desaparecido as bases da luta de classes e do domínio de classe: a propriedade privada e a produção social anárquica. Os interesses do proletariado exigem a destruição destas bases, contra as quais deve, pois, ser orientada a luta de classe consciente dos operários organizados. E toda a luta de classe é uma luta política.

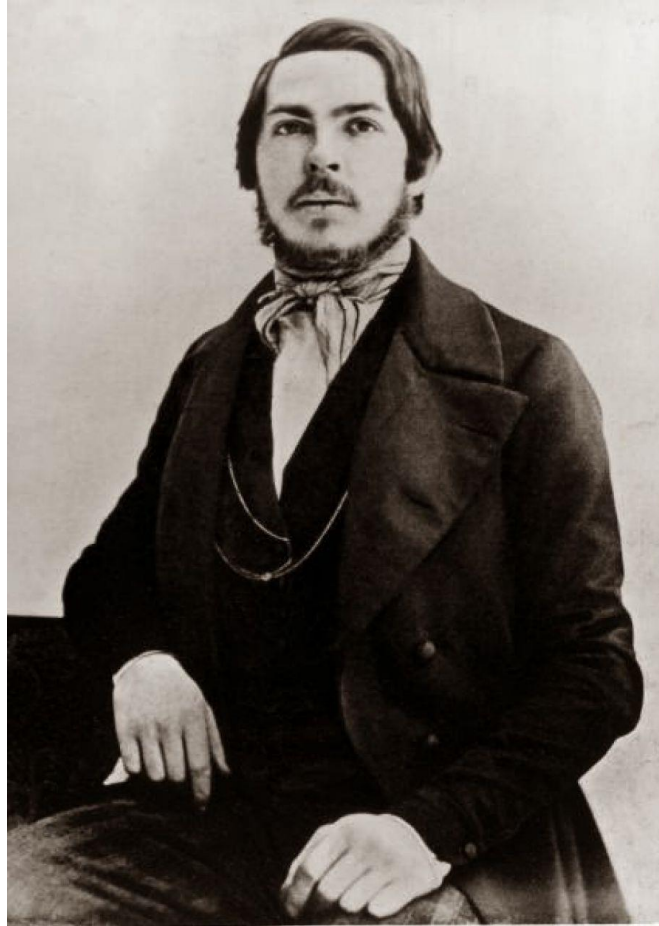
Tanto Engels, quanto Marx, foram e permanecem importantes lideranças do proletariado, revolucionários que inspiram todos que combatem a exploração e a opressão capitalista. Foi assim no [bicentenário da morte de Marx](#), em 2018, e assim está sendo no bicentenário de nascimento de Engels, através de diversos eventos pelo mundo.

O Coletivo Cem Flores se junta a essas homenagens resgatando o legado revolucionário desse grande dirigente comunista internacional, sua atualidade, sua contribuição fundamental para a luta operária em nossa conjuntura.

São muitas as lições da atuação e das obras revolucionárias de Engels que poderiam ser resgatadas nessa homenagem. Suas contribuições à crítica da economia política, da teoria burguesa. Ou seu papel político como dirigente do proletariado, ao longo de décadas, e seus inúmeros exemplos de firmeza, coragem, persistência e abnegação. Ou sua prática enquanto teórico e cientista nas mais diversas áreas, em busca incessante de uma

Engels e a Análise da Situação das Classes Trabalhadoras

compreensão sempre mais profunda da realidade. Ou ainda seus estudos primordiais sobre a opressão da mulher e o patriarcado.



Friedrich Engels em 1850.

Mas uma lição de grande destaque em Engels, e que certamente nos é muito útil para avançar na luta de classes proletária hoje, é sua análise das condições de vida e da luta das classes trabalhadoras no capitalismo, sobretudo a partir de seu livro *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*¹, de 1845. Como afirmam as citações que abrem esse texto, trata-se de obra original e fundadora do marxismo, de significativa importância para o movimento operário. Sua profunda análise, abordando inúmeras questões que estão concretamente presentes na vida das massas trabalhadoras e que influenciam diretamente suas organizações

¹ Utilizaremos a edição da Boitempo de 2010. Todas as referências apenas com numeração da página no texto serão dessa edição.

e lutas, conseguiu não só ser um poderoso instrumento de denúncia (“*da primeira à última página, meu livro é um libelo contra a burguesia inglesa*”, p. 332) e orientação política para sua época, como abriu as portas para um tratamento científico, materialista, das classes e das lutas de classes no capitalismo.

Analisaremos nos próximos seis capítulos aspectos fundamentais dessa contribuição de Engels, priorizando o próprio texto original, por isso o grande número de citações diretas.

1. Visão geral sobre *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*

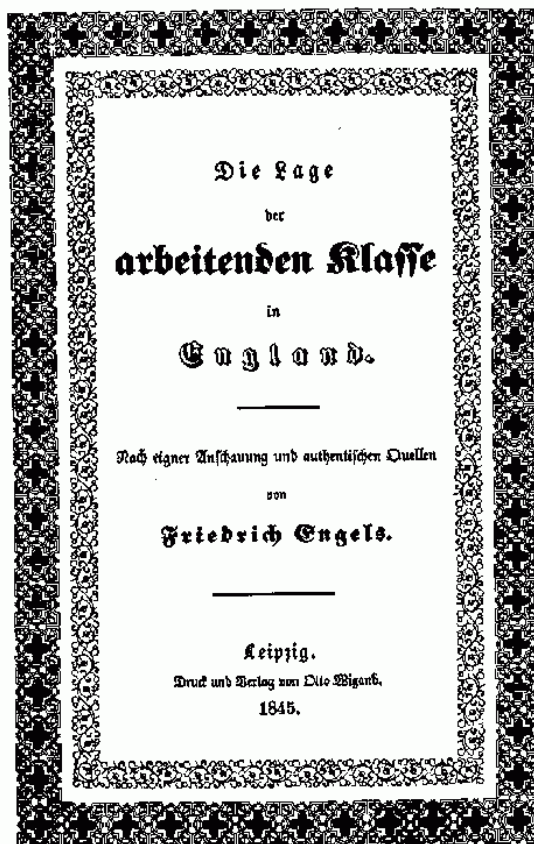
A preocupação com a condição de vida das massas trabalhadoras e a análise das mesmas constituem algo muito precoce em Engels. Em [1839](#), com apenas 18 anos, Engels já denunciava a situação precária dos operários e a brutal indiferença e o cinismo típicos da burguesia:

A pobreza terrível predomina entre as classes mais baixas, especialmente os trabalhadores fabris em Wuppertal; a sífilis e as doenças pulmonares são tão disseminadas que é quase inacreditável; só em Elberfeld, de 2.500 crianças em idade escolar, 1.200 são privadas de educação e crescem nas fábricas – apenas para que o fabricante não precise pagar aos adultos, cujo lugar elas ocupam, o dobro do salário infantil. Mas os ricos fabricantes têm uma consciência flexível, e causar a morte de uma criança a mais ou a menos não condena a alma de um pietista ao inferno, especialmente se ele vai à igreja duas vezes todos os domingos. Pois é um fato que os pietistas entre os donos de fábrica tratam seus trabalhadores da pior forma; eles usam todos os meios possíveis para reduzir os salários dos

trabalhadores sob o pretexto de privá-los da oportunidade de ficarem bêbados.

Alguns anos depois, com *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, sua reflexão crítica passará a um novo patamar. Esse livro foi fruto da pesquisa realizada em Manchester, na Inglaterra, por conta de um estágio na indústria de sua família. Engels, já um intelectual e militante comunista no início dos anos 1840, tem a oportunidade de estudar e de ver com seus próprios olhos a condição operária na nação industrial e capitalista mais avançada da época, marcada por uma brutal exploração e vasta miséria dos operários, que contrastavam com a riqueza e o poderio cada vez mais imponentes da burguesia. Como diz o próprio:

Durante vinte e um meses, tive a oportunidade de conhecer de perto, por observações e relações pessoais, o proletariado inglês, suas aspirações, seus sofrimentos e suas alegrias - ao mesmo tempo em que completava minhas observações recorrendo às necessárias fontes originais. Tudo que vi, ouvi e li está reelaborado neste livro (p. 41).



Capa original de *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*.

Engels não fez essa imersão na condição operária e no seu movimento organizado em ascensão apenas através da análise de inúmeros relatos, matérias da imprensa, discursos, documentos, estudos, estatísticas etc., mas na vivência prática em fábricas, bairros e reuniões operárias. E para isso, [historiadores apontam](#) que, possivelmente, Mary Burns, operária e militante irlandesa, tenha sido fundamental, juntamente com sua irmã Lizzy, através de seus contatos e conhecimentos. Mary se tornará companheira de vida e luta de Engels até sua morte prematura em 1863. Lizzy também permaneceu com Engels até sua morte em 1878.

O livro foi publicado na Alemanha em 1845, aos 24 anos do autor. Essa obra se tornará decisiva na formação de Engels, **sendo um passo crucial de retificação de suas posições teóricas anteriores, em direção a uma prática científica, pilar de uma política de fato revolucionária:**

É particularmente para a Alemanha que a descrição das clássicas condições do proletariado do Império Britânico se reveste de grande significação, sobretudo no momento atual. O socialismo e o comunismo alemães, mais que quaisquer outros, partiram de premissas teóricas; nós, teóricos alemães, ainda conhecemos muito pouco o mundo real para que as condições sociais efetivas nos possam incitar diretamente à reforma dessa ‘triste realidade’ (p. 42).

Um ano depois, o autor reforça a relevância de se ter como referências “o mundo real”, os fatos concretos, para se analisar a realidade e daí derivar princípios, definir os rumos da prática:

A referência a fatos mostra-se absolutamente indispensável, sobretudo quando não se trata de reproduzir a situação de pequenos estratos da população, mas sim a posição antagônica de classes inteiras, quando se trata de buscar grandes resultados, quando os fatos são explorados para a inferência de princípios (p. 331).

Ou seja, Engels explicitamente caminha com essa pesquisa em direção ao que Lênin dizia ser a alma viva do marxismo: a análise concreta da situação concreta; o embasamento da linha política nos fatos. Ou, como dizia o revolucionário russo em [pleno processo revolucionário](#):

Tal é a verdadeira situação política, que antes de tudo devemos esforçar-nos por estabelecer com o máximo possível de precisão objetiva para basear a tática marxista sobre os únicos fundamentos sólidos em que ela deve basear-se, sobre os fundamentos dos fatos.

Não à toa essa obra será inspiração e exemplo para outras análises científicas do marxismo. Exemplo são as referências diretas ou indiretas nos *Grundrisse* e n' *O Capital*, em diversas passagens. Vejamos apenas dois trechos d' *O Capital*:

A corrupção moral decorrente da exploração capitalista do trabalho de mulheres e crianças foi exposta de modo tão exaustivo por F. Engels – em A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra – e por outros autores que aqui me limito apenas a recordá-la (Boitempo, p. 472).

*O período que vai do começo da grande indústria na Inglaterra até 1845 é tratado, aqui, apenas em linhas gerais. Sobre esse assunto, remeto o leitor à obra *Die Lage der arbeitenden Klasse in England [A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra]*, de Friedrich Engels (Leipzig, 1845). O quão profunda é a compreensão que Engels tem do espírito do modo de produção capitalista o demonstram os “*Factory Reports*”, “*Reports on Mines*” etc., que foram publicados desde 1845, e o quão admirável é sua descrição detalhada das condições da classe trabalhadora é evidenciado quando se compara sua obra com os relatórios oficiais da *Children’s Employment Commission (1863-1867)*, publicados de 18 a 20 anos depois (Boitempo, p. 639).*

Por ser uma obra de juventude e uma das primeiras a se firmar na análise materialista da história, à época ainda em formação, certamente há nela limitações consideráveis. O próprio autor irá ressaltar várias, posteriormente, sobretudo no seu prefácio de 1892. Ali, Engels resume: “em 1844, não existia o moderno socialismo internacional, que ulteriormente se constituiu como ciência, sobretudo e quase exclusivamente graças ao trabalho de Marx. Meu livro representa apenas uma das fases de seu desenvolvimento embrionário” (p. 350).

Destacamos abaixo, de forma breve, algumas dessas limitações:

- **Ainda não há no livro uma teoria consistente do modo de produção capitalista**, que será feita sobretudo nos volumes de *O Capital* de Marx. Engels utiliza muitas vezes termos descritivos para se referir ao capital e à luta de classes, como “*concorrência*” e “*guerra social*”, que só depois seriam aperfeiçoados ou abandonados. Por isso, *O Capital*, em muitos momentos, representa um importante e necessário complemento às formulações provisórias do jovem Engels.
- **Um dos efeitos diretos do limite anterior é certa primazia das forças produtivas nas teses de Engels** – inovação tecnológica como causa primeira das mudanças históricas. Por exemplo, no papel do tear mecânico e da máquina a vapor na criação do proletariado. Há aqui um risco de menosprezar a presença da luta de classes enquanto motor da história. N’*O Capital* vemos que as alterações tecnológicas da revolução industrial já operaram sob uma “*subsunção formal*” do trabalhador ao capital. Trabalhador que anteriormente fora expropriado não apenas pela concorrência com o maquinário da burguesia, como demonstra Engels, mas por uma violenta expropriação “*primitiva*”, com atuação direta do Estado.
- **Naquela época, Engels ainda estava envolvido em uma ideologia humanista, que só seria rompida gradativamente ao longo dos anos**. No livro, ele chega a se referir à causa dos trabalhadores como a causa da “*humanidade*” (p. 39); ou indica existirem “*interesses gerais da humanidade*” (p. 47). Em sua autocrítica de 1892, ele diz:

em especial no fim do livro, confere-se grande importância à afirmação segundo a qual o comunismo não é uma pura e simples doutrina do partido da classe operária, mas sim uma teoria cujo objetivo final é a libertação de toda a sociedade, inclusive os capitalistas, das relações que atualmente o oprimem. Isso é justo num sentido abstrato; no entanto, na prática, é inútil e às vezes pior. [...] Hoje são muitos os que, do alto de sua superior imparcialidade, predicam aos operários um socialismo posto acima de todos os antagonismos e

luta de classes – ou se trata de neófitos que ainda têm muito que aprender ou são os piores inimigos da classe operária, lobos disfarçados de cordeiros. (p. 350).

- **No livro, Engels erroneamente considerava a revolução social algo iminente e certo na Inglaterra,** chegando a indicar possíveis anos para esse acontecimento. Assim, **o autor não levou na devida consideração a capacidade do capitalismo se renovar e do movimento operário se deteriorar** – o que será visto também por Engels ao longo dos anos seguintes. Na mesma autocrítica de 1892, chega a chamar suas previsões de “*profecias*”, provindas de seu “*entusiasmo revolucionário daqueles anos*” (p. 351). O que aconteceu na Inglaterra nos anos seguintes à sua obra, apesar da continuidade das crises, da luta de classes e da condição ainda precária da maioria da classe operária, foi um considerável avanço do capitalismo, inaugurando uma “*nova época industrial*” (p. 346), da qual uma das características foi uma camada proletária cada vez mais aburguesada, que ele chamou de uma verdadeira “*aristocracia operária*”, da qual falaremos mais à frente.
- Por fim, **trata-se de uma obra de quase dois séculos,** e, apesar de fruto de uma profunda pesquisa com as fontes da época, certamente apresenta lacunas e imprecisões que foram supridas pela produção historiográfica nas décadas posteriores. **Algumas de suas análises também se circunscrevem àquela época e àquele país, como o próprio autor nos diz em seu prefácio à edição alemã de 1892:** “*O estado de coisas descrito neste livro – pelo menos no que se refere à Inglaterra – pertence hoje, em grande parte, ao passado*” (p. 345). Já no final da vida de Engels, a jornada de trabalho já tinha se reduzido de forma significativa e a exploração mais brutal e intensa dos primórdios da revolução industrial se reduzira; a classe operária já tinha suas luta e organizações minimamente reconhecidas pela legislação; obras sanitárias básicas foram feitas em muitas cidades etc.

No entanto, como veremos, Engels exagera ao dizer “em grande parte”: **enormes similaridades são possíveis de observar ainda hoje no mundo e no Brasil.** E as crises capitalistas e as ofensivas burguesas, cada vez mais, fazem retornar em vários lugares do mundo a exploração e o

Engels e a Análise da Situação das Classes Trabalhadoras

pauperismo mais brutais, vistos nos meados do século XIX, além de colocar a luta operária continuamente na ilegalidade.

Essa imensa atualidade, somada à sua análise exemplar e pioneira no marxismo, continua a fazer de *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* “uma das melhores obras na literatura socialista mundial”, como definia [Lênin](#).

A partir dessas considerações gerais, adentremos no livro de Engels. Nosso texto será dividido nos temas e nas contribuições que atravessam essa obra e são mais relevantes para nós: *o advento do modo de produção capitalista e seu impacto na vida das massas trabalhadoras; a infraestrutura da sociedade como fundamento das classes; o proletariado como classe fundamental do capitalismo: despossessão, segmentação e concorrência no mercado de trabalho; os efeitos da condição proletária sobre os proletários: trabalho, cidade, moradia, família, cultura e saúde; a resistência contínua das classes trabalhadoras: a luta por unidade, independência e emancipação; a análise do proletariado enquanto análise de seu inimigo: os interesses da burguesia e o seu Estado*. Ao final, buscaremos sintetizar as lições de Engels e demonstrar sua atualidade a partir de exemplos concretos.

2. O advento do modo de produção capitalista e seu impacto na vida das massas trabalhadoras: a infraestrutura da sociedade como fundamento das classes

A primeira lição que Engels nos oferece para analisar as classes trabalhadoras e sua luta é a necessidade de compreender a base material da sociedade na qual estas estão: o estágio das forças produtivas, as relações de produção, a situação econômica como um todo. Esta é uma tese central do materialismo histórico, que será destacada em outros momentos pelo autor².

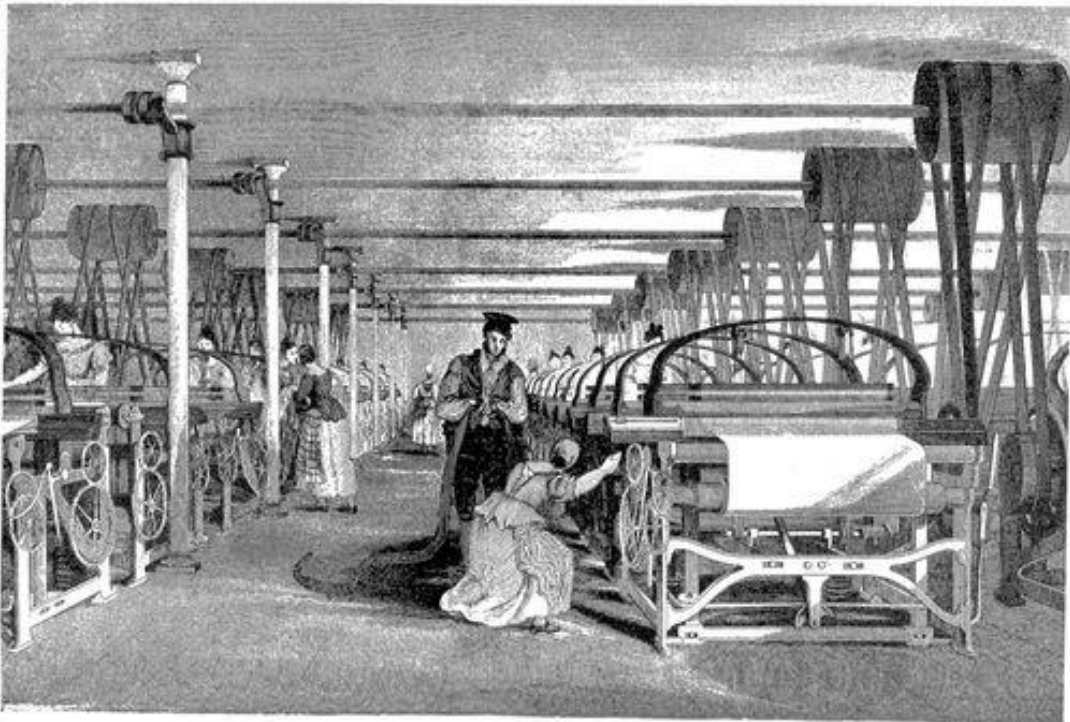
Para analisar a situação das classes trabalhadoras na Inglaterra da década de 1840, portanto, Engels parte do modo de produção capitalista que se

² “*A existência e, portanto, também as colisões entre essas classes são condicionadas, por sua vez, pelo grau de desenvolvimento da sua condição econômica, pelo modo da sua produção e pelo modo do seu intercâmbio condicionado pelo modo de produção*” (Prefácio à 3ª edição de O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, 1885, Boitempo, p. 22).

Engels e a Análise da Situação das Classes Trabalhadoras

tornara hegemônico naquela formação social, dos efeitos da revolução industrial sobre as classes. O livro começa com um breve resumo desta revolução na Inglaterra, que impulsionou o desenvolvimento das relações de produção capitalistas e efetivou a aplicação de avançadas maquinarias na produção e nos transportes/comunicação. Tais modificações no modo de produção do país alteram radicalmente aquela formação social. Em menos de um século, a Inglaterra passou de “*um país como todos os outros, com pequenas cidades, indústrias diminutas e elementares e uma população rural dispersa, mas relativamente importante*” para

um país ímpar, com uma capital de 2,5 milhões de habitantes, imensas cidades industriais, uma indústria que fornece produtos para o mundo todo e que fabrica quase tudo com a ajuda das máquinas mais complexas, com uma população densa, laboriosa e inteligente, cujas duas terças partes estão ocupadas na indústria (p. 58).



Operária trabalha em um tear mecânico. Obra de T. Allom, 1835.

A transformação capitalista não ocorre apenas nas cidades, mas também modifica a estrutura do campo, com investimento do capital na terra, aplicação de novas técnicas, exploração agrícola em larga escala, aumento da produtividade e contínuo assalariamento dos produtores diretos.

No fundo dessas características mais visíveis, Engels vai desvendando as determinações mais profundas desse modo de produção. Nota que o capitalismo é um sistema cuja produção ocorre “*não para a satisfação imediata das necessidades, mas para a obtenção do lucro*” (p. 123) de sua classe dominante, a burguesia, detentora dos meios de produção, das fábricas e das máquinas. Sendo assim, tende, de um lado, a constantes revoluções tecnológicas e à concentração da propriedade e da riqueza. De outro, tende a avolumar miséria na imensa maioria da população, que se torna cada vez mais proletarizada, ou seja, expropriada dos meios de sobrevivência, forçada a vender sua força de trabalho e competir com as máquinas.

Em seu prefácio de 1892, Engels resume que o sistema capitalista: “*divide progressivamente a sociedade civilizada em duas partes: de um lado, uns poucos Rothschilds e Vanderbilts, proprietários de todos os meios de produção e de subsistência; de outro, a enorme massa de assalariados, que possui apenas a sua própria força de trabalho*” (p. 348). Vemos aqui claramente o que Marx chamou de **lei geral da acumulação capitalista**³.

Voltemos aos termos do jovem Engels:

Com essas invenções, desde então aperfeiçoadas ano a ano, decidiu-se nos principais setores da indústria inglesa a vitória do trabalho mecânico sobre o trabalho manual e toda a sua história recente nos revela como os trabalhadores manuais foram sucessivamente deslocados de suas posições pelas máquinas. As consequências disso foram, por um lado, uma rápida redução dos preços de todas as mercadorias manufaturadas, o florescimento do comércio e da indústria, a conquista de quase

³ “A acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital” (O Capital, livro I, Boitempo, p. 472). Essa lei revela o “caráter antagônico da acumulação capitalista” para Marx.

todos os mercados estrangeiros não protegidos, o crescimento veloz dos capitais e da riqueza nacional; por outro lado, o crescimento ainda mais rápido do proletariado, a destruição de toda a propriedade e de toda a segurança de trabalho para a classe operária, a degradação moral, as agitações políticas e todos os fatos que tanto repugnam aos ingleses proprietários e que iremos examinar nas páginas seguintes. Se, mais acima, vimos as transformações provocadas nas relações sociais das classes inferiores por uma só máquina, mesmo tão rudimentar como a jenny⁴, não há por que se espantar com o que pode proporcionar um sistema plenamente coordenado de máquinas extremamente aperfeiçoadas, que recebe de nós a matéria-prima e nos devolve tecidos acabados (p. 50).

Ou seja, a moderna Inglaterra possibilitou ver que apesar do “progresso” técnico causado por esse modo de produção, suas determinações próprias e o objetivo último da produção (acúmulo de riqueza de uma classe pela exploração do trabalho alheio) resultam não em melhoria da vida para a maioria da população, pelo contrário. O desenvolvimento do capital é ao mesmo tempo desenvolvimento de uma profunda desigualdade, fundada nas classes, e de uma luta entre tais classes.

Se, no polo burguês, esse modo de produção tende a concentrar a riqueza nas mãos de cada vez menos proprietários, no polo oposto, proletário, o desenvolvimento capitalista tende a gerar continuamente uma divisão entre uma massa ativa, que consegue ser empregada e se assalariar, e outra massa descartada, “supérflua”, em estado de “reserva” e afundada na miséria.

“Quanto mais importante é o progresso, maior é a parcela da classe jogada no desemprego” (p. 174), lembra Engels. E essa parcela desempregada na produção, esse contingente de reserva

é a ‘população supérflua’ da Inglaterra, que arrasta uma existência penosa, mendigando e roubando, varrendo ruas e recolhendo imundícies, transportando coisas com um carrinho de mão ou um burro, fazendo comércio ambulante ou biscates. Em todas as grandes cidades inglesas encontram-se multidões

⁴ Máquina de fiação multi-fusos.

desses indivíduos que, como dizem os ingleses, ‘mantêm o corpo e a alma juntos’ graças a pequenos ganhos ocasionais. São espantosos os expedientes a que esses indivíduos recorrem para ganhar qualquer coisa (p. 126).

Além dessa “lei geral”, Engels identifica a instabilidade do capitalismo, cuja produção tende a ser “anárquica” e continuamente produzir crises: “Prosperidade, crise, prosperidade, crise – um ciclo eterno no qual se move [...] a indústria inglesa” (p. 123). Crises essas que, apesar de afetarem os negócios da burguesia, atingem com muito mais virulência exatamente a massa proletária:

[Nas crises] os salários caem, por causa da concorrência entre os desempregados, da redução do tempo de trabalho e da falta de vendas lucrativas; a miséria se generaliza entre os operários; as eventuais pequenas economias dos indivíduos são rapidamente devoradas; as instituições beneficentes se veem assoberbadas; o imposto para os pobres duplica, triplica e entretanto continua insuficiente; cresce o número de famintos; e de repente toda a massa da população ‘supérflua’ revela sua impressionante magnitude (p. 124).

Mesmo que várias dessas transformações ainda não tivessem chegado aos outros países, Engels considerava de suma importância dar atenção a elas. Isso porque, se tratavam de **tendências gerais do modo de produção capitalista**, em constante expansão através de um mercado cada vez mais mundial. Por isso, tomar Inglaterra como ilustração do modo de produção capitalista era útil, mas não eliminava, de nenhuma maneira, a necessidade de analisar as especificidades de cada formação social.

Se as condições de vida do proletariado não chegaram, na Alemanha, a atingir a forma clássica que alcançaram na Inglaterra, temos, no fundo, a mesma ordem social que, mais cedo ou mais tarde, se alçará ao mesmo extremo atingido do outro lado do canal da Mancha, salvo se a nação tomar a tempo medidas capazes de dotar o conjunto do sistema social de uma base nova. Existem igualmente na Alemanha as causas fundamentais que produziram, na Inglaterra, a miséria e a opressão do proletariado e tais causas produzirão aqui os

Engels e a Análise da Situação das Classes Trabalhadoras

mesmos resultados. Entrementes, a constatação da miséria inglesa nos permitirá constatar nossa própria miséria, a miséria alemã, e nos fornecerá um parâmetro para avaliar sua extensão e a gravidade do perigo – que se manifestou nas sublevações ocorridas na Silésia e na Boémia, – que, nesse domínio, ameaça imediatamente a tranquilidade da Alemanha (p. 42).

Por fim, e como dito acima, esse modo de produção tende a se constituir globalmente, enquanto um sistema mundial. Por isso, as posições das formações sociais nessa configuração global também afetam diretamente a situação das suas classes trabalhadoras:

Se existe um país que dispõe de meios para assumir o monopólio industrial, esse país é a América. Se a indústria inglesa for ultrapassada – o que necessariamente ocorrerá nos próximos vinte anos, se perdurarem as atuais condições sociais –, a maioria do proletariado inglês tornar-se-á definitivamente ‘supérflua’ e não terá mais alternativas que morrer de fome ou fazer a revolução (p. 325).

3. O proletariado como classe fundamental do capitalismo: despossessão, segmentação e concorrência no mercado de trabalho

No capitalismo, as classes trabalhadoras passam por um processo de proletarização. O proletariado se firma como classe fundamental no capitalismo. E as camadas médias se tornam mais instáveis e em constante risco e tendência de proletarização (p. 65):

Ao mesmo tempo, com a supressão do antigo artesanato e com o aniquilamento da pequena burguesia, desapareceu para o operário qualquer possibilidade de tornar-se burguês. Até então, sempre lhe restava a chance de instalar-se em algum lugar como mestre artesão e talvez contratar companheiros; agora, com os mestres suplantados pelos industriais, com a necessidade de grandes capitais para tocar qualquer iniciativa autônoma, o proletariado tornou-se uma classe real e estável da população, enquanto antes não era muitas vezes mais que um

Engels e a Análise da Situação das Classes Trabalhadoras

estágio de transição para a burguesia. Agora, quem quer que nasça operário não tem outra alternativa senão a de viver como proletário ao longo de sua existência. Agora, portanto, pela primeira vez, o proletariado encontra-se em condições de empreender movimentos autônomos (p. 60).

Nesse processo, há tanto características comuns como especificidades. E, para Engels, ambos aspectos devem ser levados em conta. É preciso tanto analisar as “*diversas frações do proletariado*”, “*cada segmento em sua particularidade*” (p. 63), quanto as condições comuns que atravessam todas essas frações e segmentos. No livro, Engels discorre sobre o núcleo mais numeroso e combativo da época, o operariado fabril (sobretudo têxtil), o operariado rural, passando por diversas camadas e categorias típicas do capitalismo nascente inglês.



Ilustração de mineiros ingleses, 1871.

A característica fundamental da condição proletária é a ausência de meios de produção, a necessidade de colocar sua força de trabalho no mercado à disposição dos proprietários desses meios (burguesia). Sobre essa condição comum discorreremos abaixo.

Para Engels, mesmo que o proletariado tenha se tornado uma classe fundamental no capitalismo, “real e estável”, sua posição de despossuído e expropriado faz com que sua condição de vida seja marcada por uma instabilidade crônica. O proletário não possui nem meios de produção nem garantia de emprego, e, mesmo quando empregado, pode ficar desempregado a qualquer momento. “*Todo proletário, sem qualquer exceção, sem que a culpa seja sua e apesar de todos os seus esforços*” (p. 75), pode ter sua subsistência removida ou diminuída drasticamente.

Quem pode garantir-lhe que não perderá o emprego? Quem lhe assegura que amanhã, quando o patrão – com ou sem motivos – o puser na rua, poderá aguentar-se, a si e à sua família, até encontrar outro que ‘lhe dê o pão’? Quem garante ao operário que, para arranjar emprego, lhe basta boa vontade para trabalhar, que a honestidade, a diligência, a parcimônia e todas as outras numerosas virtudes que a ajuizada burguesia lhe recomenda são para ele realmente o caminho da felicidade? Ninguém. O operário sabe que, se hoje possui alguma coisa, não depende dele conservá-la amanhã; sabe que o menor suspiro, o mais simples capricho do patrão, qualquer conjuntura comercial desfavorável podem lançá-lo no turbilhão do qual momentaneamente escapou e no qual é difícil, quase impossível, manter-se à tona. Sabe que se hoje tem meios para sobreviver, pode não os ter amanhã (p. 69-70).

Essa constante instabilidade é reforçada pelo fato de sua força de trabalho ser uma mercadoria. Isso faz do proletário uma espécie de escravo “*que não é vendido de maneira definitiva*”. Segundo Engels:

Para falar com clareza: o operário é, de direito e de fato, um escravo da classe proprietária, da burguesia; é seu escravo a ponto de ser vendido como uma mercadoria e, tal como uma mercadoria, seu preço aumenta e diminui. Se a procura por operários cresce, seu preço sobe; se diminui, seu preço cai; e se a procura cai a ponto de um certo número de operários não ser vendável, eles ficam como que em estoque e, como não há emprego que lhes forneça meios para subsistir, morrem de fome. [...] Toda a diferença com relação à escravatura declarada da

Antiguidade consiste em que o operário moderno parece ser livre, uma vez que não é vendido de maneira definitiva, mas pouco a pouco, diariamente, semanalmente, anualmente - e não é vendido por um proprietário a outro, mas vende-se ele mesmo, porque não é escravo de um indivíduo, é escravo de toda a classe proprietária. No fundo, para o operário, as coisas não mudaram; se essa aparência de liberdade, por um lado, oferece-lhe certa liberdade real, por outro lhe traz a desvantagem de ninguém lhe garantir a sobrevivência, de poder ser despedido pelo patrão a qualquer momento e ser condenado à morte pela fome a partir do instante em que a burguesia não interesse mantê-lo vivo (p. 121).

Em outro trecho, Engels reforça essa ideia:

O proletariado é desprovido de tudo - entregue a si mesmo, não sobreviveria um único dia, porque a burguesia se arrogou o monopólio de todos os meios de subsistência, no sentido mais amplo da expressão. Aquilo de que o proletariado necessita, só pode obtê-lo dessa burguesia, cujo monopólio é protegido pela força do Estado. Eis por que o proletariado, de direito e de fato, é escravo da burguesia, que dispõe sobre ele de um poder de vida e de morte. Ela lhe oferece os meios de subsistência, mas em troca de um 'equivalente' - seu trabalho; e chega ao ponto de lhe dar a aparência de agir segundo sua própria vontade, de estabelecer livremente com ela um contrato, sem constrangimentos, como se o proletariado fosse o autor de seu próprio destino. Bela liberdade, que deixa ao proletariado, como alternativa à aceitação das condições impostas pela burguesia, a chance de morrer de fome, de frio, de deitar-se nu e dormir como animal selvagem! Belo 'equivalente', cujo montante é inteiramente deixado ao arbítrio da burguesia! E se o operário for suficientemente louco para preferir morrer de fome a se submeter às 'justas' propostas dos burgueses, seus 'superiores naturais'? Ora, é fácil encontrar um outro que as aceite, pois há muitos proletários no mundo e nem todos são insensatos o bastante para preferir a morte à vida (p. 118).

Vimos acima que a tendência geral do capitalismo é a concentração de riqueza em um polo e de miséria em outro; que o avanço técnico tende a tornar parcela dos trabalhadores supérfluos ao capital, descartáveis para a produção do lucro do capitalista. **Esse contingente não empregado na produção, no entanto, possui utilidades e efeitos importantes ao capital. Assim como deve ser considerado característica permanente do mercado de trabalho, apesar de sua variação quantitativa.**

Salvo nos curtos períodos de grande prosperidade, a indústria inglesa tem necessidade de uma reserva de trabalhadores desempregados precisamente para que possa produzir, durante os meses de maior atividade, a massa de mercadorias que o mercado reclama. Essa reserva é mais ou menos numerosa conforme a situação do mercado determine ou não a ocupação de parte dela (p. 126).

Esse exército de desempregados, essa população supérflua que tenta sobreviver como pode, sempre está à disposição e desesperado para trabalhar, inclusive sob salários e condições de trabalho piores do que a dos empregados. Essa concorrência entre exército ativo e da reserva de trabalhadores, força os salários e as condições de trabalho para baixo:

Preferirá, na esperança de dias melhores, aceitar metade do salário a sentar-se silenciosamente numa rua e morrer na frente de todo mundo, como já aconteceu com tantos desempregados. ... E se há mais operários que aqueles que à burguesia interessa empregar, se, ao término da luta concorrencial entre eles, ainda resta um contingente sem trabalho, esse contingente deverá morrer de fome, porque o burguês só lhe oferecerá emprego se puder vender com lucro o produto de seu trabalho (p. 119).

Ou seja, a condição de despossuído, de necessitar vender seu trabalho no mercado para sobreviver, coloca o proletário objetivamente em concorrência com outros membros de sua classe, inclusive com uma massa em condições bem piores. Isso acaba não só deteriorando sua situação econômica como o enfraquecendo politicamente enquanto classe. **Daí advém sua necessidade de construir uma unidade interna para a luta superando tal concorrência.**

Os operários concorrem entre si tal como os burgueses... Essa concorrência entre os trabalhadores, no entanto, é o que existe de pior nas atuais condições de vida do proletariado: constitui a arma mais eficiente da burguesia em sua luta contra ele. Daí os esforços do proletariado para suprimir tal concorrência por meio da associação e daí o furor da burguesia contra essas associações e seu grande júbilo a cada derrota que consegue impor-lhes (p. 117 e 118).

Quando tal concorrência diminui, e as condições do mercado favorecem, é possível elevar os salários e melhorar as condições de trabalho. Mas essas melhorias tendem a ser temporárias para a massa operária, seja por conta das crises, das revoluções técnicas, ou da luta da burguesia para reestabelecer as condições de exploração. Em 1885, Engels afirmava:

Ocorreram melhorias temporárias, mesmo para a sua grande massa. Tais melhorias, porém, acabaram por ser reduzidas ao nível anterior em consequência do afluxo da grande massa de operários provenientes da reserva de desempregados, da incessante expulsão de operários com a introdução de nova maquinaria e da imigração dos trabalhadores agrícolas, também eles expulsos pela utilização de máquinas (p. 354).

4. Os efeitos da condição proletária sobre os proletários: trabalho, cidade, moradia, família, cultura e saúde

No livro, Engels faz uma análise profunda das condições de vida e de trabalho das massas proletarizadas. Busca através de inúmeros exemplos identificar e descrever os efeitos de sua condição de classe sobre suas vidas como um todo.

Como vimos acima, o regime assalariado significa uma ilusória liberdade. Por não ter meios de produção, o proletariado é forçado a “se vender”, mas não pertence a nenhum patrão em especial. Quando é empregado, encontra no local de trabalho uma verdadeira ditadura, a “*disciplina militar*” do patrão: o proletário “pertence”, durante a jornada de trabalho, ao patrão, e deve agir de forma a produzir mais lucros. Caso queira continuar empregado, é preciso que o proletário se submeta a esses ditames.

A escravidão que a burguesia impõe ao proletariado revela-se em toda a sua evidência no regime fabril. Aqui, de direito e de fato, cessa toda liberdade. O trabalhador deve chegar à fábrica

às cinco e meia da manhã; se se atrasa por alguns minutos, é multado; se o atraso é superior a dez minutos, não pode entrar até a hora da primeira pausa para comer e assim perde um quarto do salário da jornada (embora o período em que não trabalhou corresponda a duas horas e meia de uma jornada de doze horas). Come, bebe e dorme sob o comando de outrem. Só lhe concedem o tempo estritamente necessário para a satisfação de suas necessidades mais urgentes. Ao patrão pouco se lhe dá se mora perto ou longe: a sirene tirânica da fábrica arranca-o da cama, apressa seu café e seu almoço. E, na fábrica, o patrão é o legislador absoluto. Determina, a seu bel-prazer, os regulamentos; altera os contratos conforme sua vontade e, quando introduz as cláusulas mais absurdas, o operário ouve dos tribunais: ‘Você é livre para decidir, só deve aceitar os contratos que lhe interessarem. Mas agora que subscreveu livremente esse contrato, tem de cumpri-lo’ (p. 213).

Por ser um instrumento de exploração, todo o tempo de sua vida é determinado pelo tempo de trabalho. Assim como todas suas energias acabam por ficar sob o comando do patrão. Os efeitos no corpo e na mente do trabalhador são enormes. *“Para evitar possíveis perdas do capitalista, o operário sacrifica a integridade de seu corpo”* (p. 192).

Assim, **a história das condições de trabalho do proletariado é também a história de adoecimento, sofrimento e abusos, de sua vida mutilada.** Engels identifica e descreve longamente, em cada ramo da indústria, as doenças comuns a eles, diretamente relacionadas às insalubridades de seus lugares de trabalho.

Não só as doenças são realidade nos locais de trabalho: os acidentes também são recorrentes. *“Além de todas as enfermidades e deformações, há outros fatores que causam grandes danos físicos aos operários. O trabalho em meio às máquinas está sujeito a numerosos acidentes mais ou menos graves, cuja consequência é a incapacidade parcial ou total do operário para seu trabalho”.* (p. 200). E, para o burguês, *“o destino posterior do operário, se não mais puder trabalhar, é um problema que não lhe diz respeito”* (p. 201).

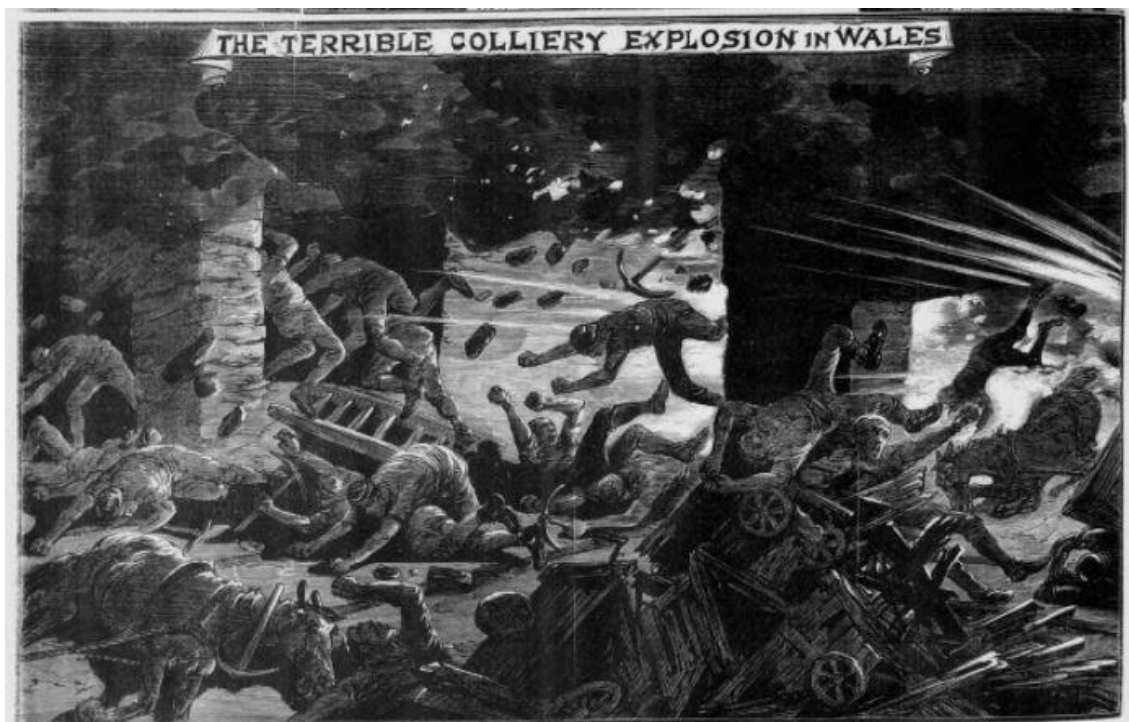


Ilustração de uma explosão em mina do País de Gales, 1878.

Para as operárias mulheres, ainda há abusos e assédio sexuais: “*Se o industrial não tem escrúpulos (e o relatório da comissão de fábricas relata vários exemplos do gênero), sua fábrica é, ao mesmo tempo, seu harém*” (p. 187).

A situação das classes trabalhadoras, no entanto, não é determinada apenas pela sua exploração no local de trabalho. Engels dedica uma parte significativa do seu livro analisando os bairros, a moradia, a família e a cultura proletária.

A concentração de capital e da produção gera concentração humana em ambientes urbanos. A grande cidade se torna assim um aspecto fundamental para análise das condições de vida de classe no capitalismo. “*A imensa maioria dessas cidades é constituída por proletários – e agora examinaremos como vivem e qual a influência que sobre eles exerce a grande cidade*” (p. 66).

Em diversos trechos, vemos que a cidade é marcada pelas classes. **As desigualdades identificadas no espaço, as díspares condições urbanas, são efeitos de classe.** Novamente há a divisão fundamental do capitalismo, só que através da cidade: de um lado bairros com infraestrutura, bons

Engels e a Análise da Situação das Classes Trabalhadoras

serviços e que geram uma boa qualidade de vida; de outro, bairros insalubres, inseguros e que proporcionam uma baixa qualidade de vida.

Todas as grandes cidades têm um ou vários 'bairros de má fama' onde se concentra a classe operária. É certo ser frequente a miséria abrigar-se em vielas escondidas, embora próximas aos palácios dos ricos; mas, em geral, é lhe designada uma área à parte, na qual, longe do olhar das classes mais afortunadas, deve safar-se, bem ou mal, sozinha (p. 70).



Rua de Londres com moradias superlotadas. Obra de Gustave Doré, 1872.

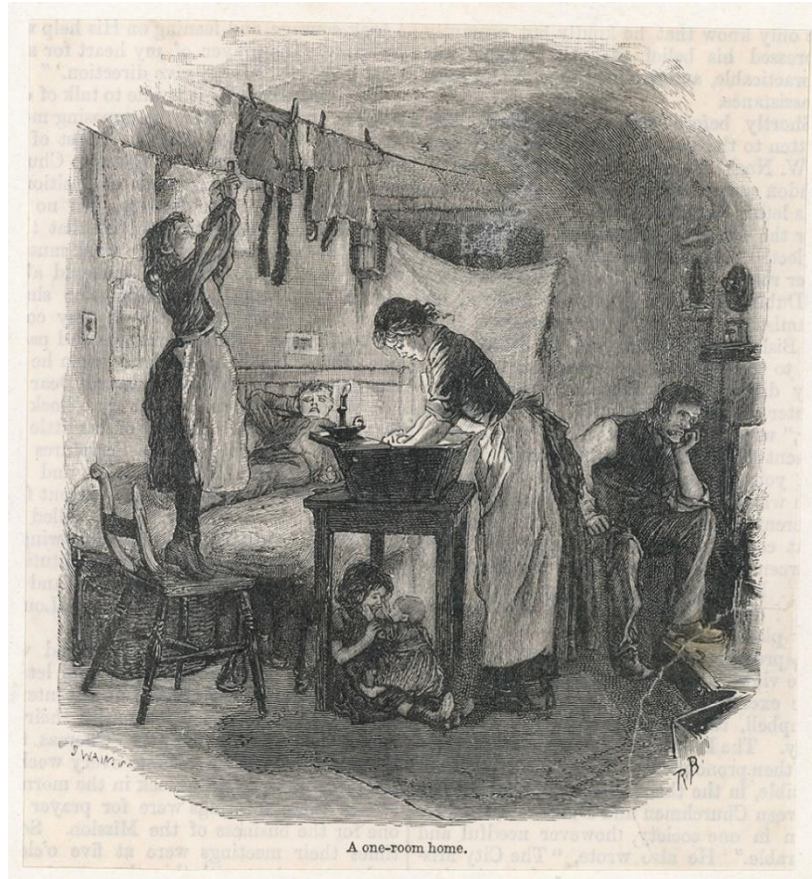
Nesse novo ambiente, o das grandes cidades, as classes trabalhadoras desenvolvem novos costumes, deixando a dinâmica rural para trás. Segundo Engels, a grande cidade é local tanto de individualismo e indiferença, por conta do desmanche das comunidades através da constante concorrência entre seus habitantes, quanto local que potencializa a mobilização, por concentrar uma massa de trabalhadores em constante contato e comunicação.

A população supérflua, esmagados pela miséria e pouca ou nenhuma perspectiva de melhoria, recorre à mendicância e a outros mecanismos de sobrevivência na cidade. Ela também possui mais probabilidade de se lançar ao crime, “*respondendo com a guerra aberta à guerra encoberta que a burguesia lhe move, atira-se ao roubo, à pilhagem e ao assassinato*” (p. 128). Ou seja, o pauperismo e a desigualdade gerados pelo capitalismo fomentam situações de “*desagregação da sociedade*” (p. 169).

Nas moradias dos trabalhadores, estes não têm a oportunidade de construir uma família de fato. Ainda que Engels ainda tenha aqui uma compreensão limitada da questão da mulher, se comparada a sua visão posterior, ele ressalta o quanto uma vida familiar saudável é uma impossibilidade aos membros do proletariado, das crianças aos mais velhos. Como dizia junto com Marx no [Manifesto do Partido Comunista](#): “*O palavreado burguês acerca da família e da educação, acerca da relação íntima de pais e filhos, torna-se tanto mais repugnante quanto mais, em consequência da grande indústria, todos os laços de família dos proletários são rasgados*”.

É essa ordem social, por exemplo, que torna quase impossível ao operário a vida familiar. Não é possível a vida em família numa casa inabitável, suja, inapropriada até como abrigo noturno, mal mobiliada, raramente aquecida, onde a chuva penetra com frequência, com cômodos cheios de gente e imersos numa atmosfera sufocante. O homem trabalha todo o dia, assim como a mulher e talvez os filhos mais velhos, todos em lugares diferentes e só se veem à noite – e, ademais, há a tentação da bebida. Como pode, nessas circunstâncias, haver vida familiar? E, no entanto, o operário tem de viver em família, não pode escapar a ela e essa necessidade traz consigo desacordos e brigas que afetam de modo moralmente negativo os cônjuges e, pior, os filhos. A negligência diante dos deveres familiares, especialmente no que diz respeito aos cuidados com os filhos, é comum entre os trabalhadores ingleses e as grandes culpadas são as instituições da sociedade atual. E quem pode esperar que crianças e jovens que crescem como selvagens, em meios degradados e com pais muitas vezes também eles degradados, quem pode esperar que se tornem adultos moralmente bem formados? De fato, as exigências que o burguês, do alto de sua

olímpica autossatisfação, faz ao operário são demasiado ingênuas (p. 167).



Casa de um cômodo. Ilustração de 1891.

Tais condições brutais de vida e de trabalho tentam reduzir as massas à animalidade, à pobreza intelectual e moral, deixando a elas poucas oportunidades de lazer e prazer, como a bebida. *“Todas as ilusões e tentações se juntam para induzir os trabalhadores ao alcoolismo”* (p. 142). Sua expectativa de vida tende a ser menor do que a das classes proprietárias. *“Dadas tais condições, como esperar que a classe mais pobre possa ser sadia e viva mais tempo? Que mais esperar, senão uma enorme mortalidade, epidemias permanentes e um progressivo enfraquecimento físico da população operária?”* (p. 138). Não por acaso, Engels acusa a burguesia abertamente de promover um contínuo *“assassinato social”*, qualificado, pois toda essa realidade é de conhecimento dela e de seu Estado (p. 136).

5. A resistência contínua das classes trabalhadoras: a luta por unidade, independência e emancipação

A drástica situação das classes trabalhadoras no capitalismo, que as impõem uma vida de exploração, pobreza e degradação, não pode ser e não é aceita de forma pacífica. O proletariado luta e resiste de diversas formas, das mais individualizadas e ineficientes, às mais organizadas e com verdadeira força política. Essa dimensão ativa da classe operária nascente, e não apenas sua miséria, foi muito destacada por Engels. Não só analiticamente, mas também enquanto agitação e propaganda política. Afinal, para ele, é nessa luta que se encontram as esperanças dessa classe.

A luta de classes é algo inescapável no capitalismo. De um lado, luta da burguesia em defesa da permanência do seu domínio. De outro, luta do proletário negando sua condição aviltante:

o leitor haverá de conceder facilmente que os operários ingleses não podem estar felizes nas condições em que vivem; haverá de conceder que sua situação não é aquela em que um homem – ou uma classe inteira de homens – possa pensar, sentir e viver humanamente. Os operários devem, portanto, procurar sair dessa situação que os embrutece, criar para si uma existência melhor e mais humana e, para isso, devem lutar contra os interesses da burguesia enquanto tal, que consistem precisamente na exploração dos operários. Mas a burguesia defende seus interesses com todas as forças que pode mobilizar, por meio da propriedade e por meio do poder estatal que está à sua disposição. A partir do momento em que o operário procura escapar ao atual estado de coisas, o burguês torna-se seu inimigo declarado (p. 247).

Embora a burguesia insista em constantemente negar a existência dessa luta, inclusive pela hipocrisia de seus ideólogos, o fato é que se trata de uma “*guerra social aberta*” (p. 248). Vimos acima que a condição na qual as massas trabalhadoras são empurradas muitas das vezes resulta em violências extremas, inclusive em mortes. E a reação proletária não podia ser diferente: desde o início, ela também carrega uma dimensão de violência (seja individual e desesperada, como no crime, seja coletiva, em greves, protestos e revoltas). Mas, lembra Engels: “*é necessário sublinhar, portanto, que mesmo os atos mais violentos de hostilidade dos operários contra a burguesia e seus servidores não são mais que a expressão aberta e sem disfarces daquilo que, às ocultas e perfidamente, a burguesia inflige aos operários*” (p. 248).

Independentemente de seu grau de organização e consciência, Engels ressalta a importância do ódio e da rebeldia do proletariado. Eles são os motores de sua luta, o caminho pelo qual começam a salvar sua dignidade, buscar uma saída para si e para os seus:

O operário compreende, a cada instante, que o burguês o trata como uma coisa, como propriedade sua, e já essa razão basta para que ele assuma uma posição hostil à burguesia. Demonstrei – com a ajuda de centenas de exemplos (e outras centenas poderiam ser citadas) – que, nas circunstâncias atuais, o

operário só pode salvar sua condição humana pelo ódio e pela rebelião contra a burguesia (p. 247).

Ou ainda: *“Esse ódio, essa ira, é, ao contrário, a demonstração factual de que os operários sentem a desumanidade de sua situação, de que eles não se deixarão reduzir ao nível de bestas de carga e de que um dia se libertarão do jugo da burguesia”* (p. 157).

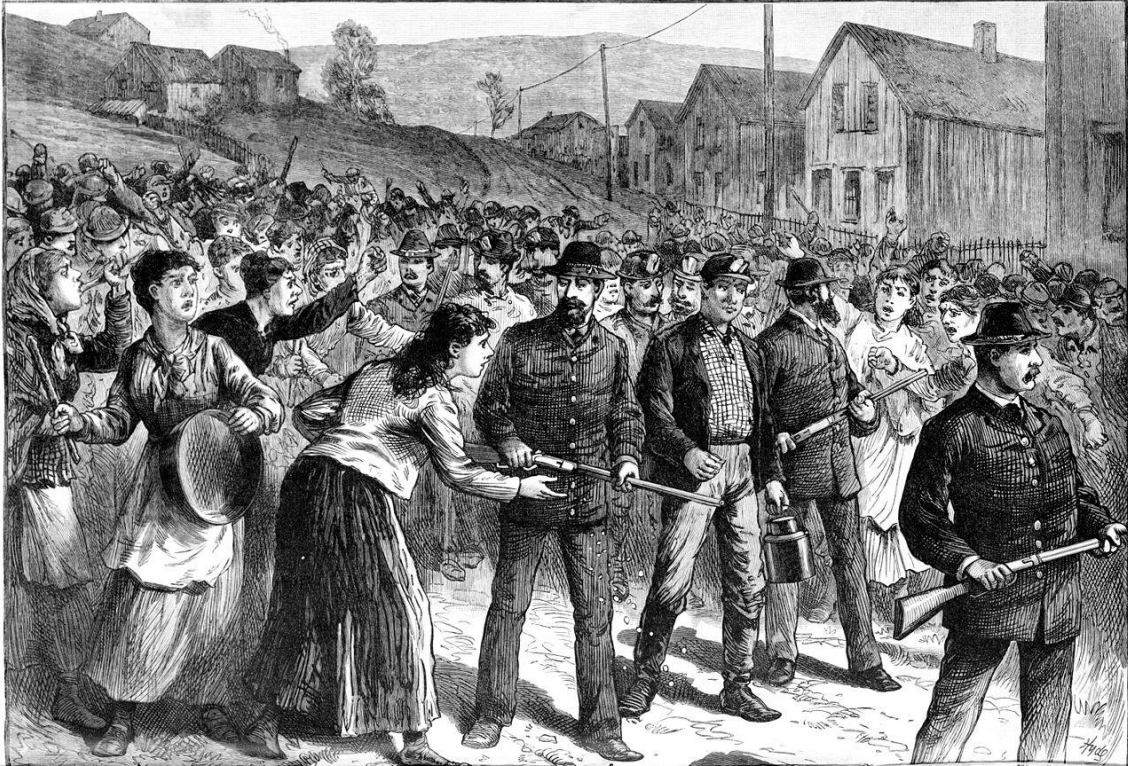
Importante ressaltar que por conta de o “progresso” técnico significar desemprego, não é de se espantar que uma parte da história operária seja marcada por *“revoltas contra as máquinas”* (p. 178. e p. 249).⁵

Em sua luta contra a burguesia, o proletariado enfrenta também inimigos internos: aqueles trabalhadores *“seduzidos pelas efêmeras vantagens que os burgueses lhes oferecem”* (p. 251), fura greves etc. A unidade dos trabalhadores não é automática, ela precisa ser construída – já vimos isso na realidade da concorrência no mercado de trabalho, sobretudo entre o exército ativo e de reserva. E uma das principais lutas se dá exatamente nessa tentativa constante de gerar unidade, enquanto a burguesia estimula divisões e concorrências, das mais diversas ordens⁶. *“O poder da burguesia se apoia unicamente na concorrência entre os operários, isto é, na divisão*

⁵ A própria burguesia usa tecnologia para neutralizar a luta dos trabalhadores. Marx: *“a maquinaria não atua apenas como concorrente poderoso, sempre pronto a tornar ‘supérfluo’ o trabalhador assalariado. O capital, de maneira aberta e tendencial, proclama e maneja a maquinaria como potência hostil ao trabalhador. Ela se converte na arma mais poderosa para a repressão das periódicas revoltas operárias, greves etc. contra a autocracia do capital. De acordo com Gaskell, a máquina a vapor foi, desde o início, um antagonista da ‘força humana’, o rival que permitiu aos capitalistas esmagar as crescentes reivindicações dos trabalhadores, que ameaçavam conduzir à crise o incipiente sistema fabril. Poder-se-ia escrever uma história inteira dos inventos que, a partir de 1830, surgiram meramente como armas do capital contra os motins operários”* (O Capital, livro I, Boitempo, p. 338).

⁶ Marx, em carta de 9 de abril de 1870, diz, ao analisar a questão irlandesa: *“Ele [o trabalhador inglês] aprecia os preconceitos sociais, religiosos e nacionais contra os trabalhadores irlandeses. A sua atitude é muito parecida a dos ‘brancos pobres’ em relação aos negros nos antigos estados escravistas dos EUA. Este antagonismo é mantido vivo artificialmente, e é intensificado pela imprensa, o púlpito, os jornais cômicos, em resumo por todos os meios à disposição das classes dominantes. Este é o segredo da impotência da classe trabalhadora [...] É o segredo pelo qual a classe capitalista mantém seu poder. E essa classe é plenamente consciente disso”*.

do proletariado, na recíproca contraposição dos interesses dos operários tomados como indivíduos” (p. 253).



Fura-greves escoltados pela polícia em Ohio. Ilustração Joseph Becker, 1884.

Vencer essa divisão e concorrência interna também é uma luta ideológica: romper com as ilusões alimentadas pela burguesia, perceber que de fato se está só enquanto classe, que “o proletário está abandonado a si mesmo” (p. 155)⁷, que há antagonismo de interesses.

Ao mesmo tempo, graças às amplas possibilidades que tive de observar a classe média [isto é, a burguesia⁸], vossa adversária,

⁷ “Ninguém se preocupa com ele: lançado nesse turbilhão caótico, ele deve sobreviver como puder. Se tem a sorte de encontrar trabalho, isto é, se a burguesia lhe faz o favor de enriquecer à sua custa, espera-o um salário apenas suficiente para o manter vivo; se não encontrar trabalho e não temer a polícia, pode roubar; pode ainda morrer de fome, caso em que a polícia tomará cuidado para que a morte seja silenciosa para não chocar a burguesia” (p. 69).

⁸ “Utilizei sempre a expressão classe média no sentido do inglês middle-class (ou, como se diz frequentemente, middle-classes), que designa, como a palavra francesa

rapidamente concluí que vós tendes razão, inteira razão, em não esperar dela qualquer ajuda. Seus interesses são diametralmente opostos aos vossos, mesmo que ela procure incessantemente afirmar o contrário e vos queira persuadir que sente a maior simpatia por vossa sorte. Mas seus atos desmentem suas palavras. Espero ter recolhido provas mais que suficientes de que a classe média – qualquer que seja a sua retórica – não possui, na realidade, outro objetivo que enriquecer à custa de vosso trabalho, enquanto puder vender o produto dele e deixar-vos morrer de fome quando já não mais puder lucrar com esse comércio indireto de carne humana (p. 38).

Nessa luta ideológica, Engels aponta a necessidade de romper com resquícios de “*relações patriarcais*”, e assim demarcar o campo das classes para desenvolver a independência das classes trabalhadoras:

Sob as relações patriarcais que ocultavam hipocritamente a escravidão do operário, este permanecia apenas como simples indivíduo, morto de espírito, ignorando por completo seus próprios interesses. Somente quando se afastou do patrão e tornou-se estranho a ele, quando pôde perceber que os únicos laços que os uniam eram os do interesse privado, do lucro, quando a cordialidade aparente, que não resiste à mínima prova, foi dissolvida, somente então o operário começou a compreender sua posição e seus interesses e a desenvolver-se de modo independente; só então deixou de ser escravo da burguesia em seus pensamentos, em seus sentimentos e na manifestação de sua vontade. E, para tanto, contribuíram decisivamente a grande indústria e as grandes cidades (p. 161).

bourgeoisie, a classe proprietária, especificamente a classe proprietária que é distinta da chamada aristocracia, ou seja, aquela classe que, na França e na Inglaterra diretamente e na Alemanha indiretamente, envolta sob o manto da ‘opinião pública’, detém o poder estatal” (p. 43).



A greve. Obra de Robert Koehler, 1886.

Associações, sindicatos e greves, são “*a primeira tentativa operária para suprimir a concorrência*” (p. 253). Quando essa concorrência é reduzida e se inicia uma unidade na luta por seus interesses, amplia-se a força proletária. Nessa luta, percebem que a revolta individual é inútil, que sua luta deve ser uma luta cada vez mais política e de massas:

Os trabalhadores começam a sentir-se, em sua totalidade, como uma classe; descobrem que, fracos individualmente, unidos constituem uma força; o terreno é propício para sua autonomização em face da burguesia, para a formação de concepções próprias dos operários e adequadas à sua posição no mundo; eles começam a dar-se conta de que são oprimidos e adquirem importância política e social. As grandes cidades são o berço do movimento operário: foi nelas que, pela primeira vez, os operários começaram a refletir sobre suas condições e a lutar; foi nelas que, pela primeira vez, manifestou-se o contraste entre proletariado e burguesia; nelas surgiram as associações operárias, o cartismo e o socialismo (p. 160).

Esse processo não é linear, e suas lutas não são sucessões de vitórias, pelo contrário: *“A história dessas associações é a história de uma longa série de derrotas dos trabalhadores, interrompida por algumas vitórias esporádicas”* (p. 251). Mas, como vimos, o proletariado é empurrado à luta, e apenas nela há possibilidade de afirmar sua dignidade, emancipar-se. E nesse processo ele se reinventa, torna-se ativo e pensante. Na luta contra a burguesia, por exemplo, *“eles dirigirão todas as suas energias e esforços, inclusive aqueles voltados para a aquisição de um mínimo de cultura”* (p. 248).

A necessidade leva o homem a inventar e, mais importante, a pensar e a agir. O operário inglês, que lê mal e escreve pior, sabe bem, no entanto, quais são seus interesses e os interesses nacionais, sabe quais são os interesses particulares da burguesia e o que tem a esperar dela. Se não sabe escrever, sabe falar, e falar em público; se não conhece operações aritméticas, sabe o bastante de noções econômicas para refutar e desmascarar um burguês que defende a abolição das leis sobre os cereais; e se, para ele, apesar dos esforços dos clérigos, as questões celestiais permanecem obscuras, estão esclarecidas as questões práticas dos problemas terrenos, políticos e sociais (p. 153).

Enquanto a burguesia empurra para ignorância, amoralidade e doença, à condição de animal, o proletário resiste em sua dignidade sendo rebelde, unindo-se, adquirindo conhecimento prático, criando uma identidade própria e cuidando de si e dos seus.

Já nos primórdios do movimento operário, Engels percebia as contradições, limites e potencialidades das formas de luta coletiva das classes trabalhadoras. Tais questões seriam depois alvo de intensas polêmicas políticas entre os comunistas.

Sobre o sindicalismo, nota que a defesa de uma categoria pode levar ao corporativismo e a uma “aristocracia operária”⁹ a longo prazo. Além disso,

⁹ Essa observação Engels só a fará anos depois. No prefácio de 1892, ele diz: *“Metalúrgicos, carpinteiros, marceneiros e operários da construção são tão fortes que podem até, como fizeram estes últimos, impedir o emprego de máquinas em suas atividades. É indiscutível que sua situação melhorou muito desde 1848; prova-o o fato de, há quinze anos, seus patrões estarem satisfeitos com eles e eles, com seus patrões.*

“as associações são impotentes diante das causas mais importantes que condicionam o mercado de trabalho” (p. 252), sendo assim preciso *“algo mais que associações operárias e greves”* (p. 253).

Apesar disso, **as greves são a “escola de guerra” dos trabalhadores** (p. 258). Nela enfrentam um membro da burguesia, testam sua força, sua coragem e abnegação – e só quem luta e suporta privações para dobrar um burguês *“tem condições de abater o poderio de toda a burguesia”* (p. 259).

A superação dos limites do sindicalismo viria da luta diretamente política dos operários. Na época do livro, um exemplo dessa luta seria o cartismo¹⁰, uma espécie de partido operário nascente (p. 262), ainda ambíguo (p. 269). Engels via a necessidade de se depurar da influência pequeno burguesa de esquerda (socialistas utópicos, radicalismo burguês), desenvolver independência proletária no âmbito do cartismo. Além disso, já via a necessidade de fusão entre teoria revolucionária e prática política “espontânea”, que só seria feita com marxismo.

Verificamos, assim, que o movimento operário está dividido em duas frações: os cartistas e os socialistas. Os cartistas são de longe os mais atrasados e menos evoluídos; mas são proletários autênticos, de carne e osso, e representam legitimamente o proletariado. Os socialistas têm horizontes mais amplos, apresentam propostas práticas contra a miséria, mas provêm originariamente da burguesia e, por isso, são incapazes de se amalgamar com a classe operária. A fusão do socialismo com o cartismo, a reconstituição do comunismo francês em moldes ingleses, será a próxima etapa e ela já está em curso. Quando estiver realizada, a classe operária será realmente senhora da Inglaterra (p. 271).

Constituem uma aristocracia na classe operária – conquistaram uma posição relativamente cômoda e consideram-na definitiva” (p. 354). Engels contrapõe essa aristocracia à *“massa dos operários”, “não qualificados”*, no caso inglês concentrados na periferia de East End.

¹⁰ Movimento iniciado na década de 1830 na Inglaterra. Tendo como documento base a Carta do Povo, lutava para que a classe operária tivesse participação e representação política.

6. A análise do proletariado enquanto análise de seu inimigo: os interesses da burguesia e o seu Estado

A luta de classes não é uma via de mão única. O capitalismo não possui apenas o proletariado como classe fundamental. Por isso, em um livro sobre a situação das classes trabalhadoras, Engels incluiu um capítulo exclusivo e várias outras passagens para a análise da burguesia em sua luta contra o proletariado.

Para ele, a burguesia tem um propósito fundamental: o lucro. Para ela o mundo *“só existe em função do dinheiro”* (p. 307). E até mesmo suas concessões ou mesmo hipócritas “boas ações”, como a caridade (onde devolve a centésima parte do que foi tirado do trabalhador [p. 309]), são pensadas a partir desse fundamento:

A burguesia inglesa pratica calculadamente a beneficência, não faz nenhuma doação, considera suas contribuições atos comerciais; faz um negócio com os pobres e declara: Investindo em instituições beneficentes, compro o direito de não ser

importunada e tratem vocês de permanecer em suas tocas escuras para não ferir meus nervos delicados com o espetáculo de sua miséria! Continuem desesperados, mas desesperem-se discretamente - esse é o nosso contrato, que me custa as vinte libras que ofereço para o asilo. *Ah, a infame filantropia de um burguês cristão!* (p. 310).

Aliás, são os trabalhadores os que mais ajudam o exército de reserva, “os trabalhadores contribuem muito mais que os burgueses na ajuda aos pobres” (p. 163), eles se **“ajudam mutuamente o quanto possível”** (p. 130), e **essa ajuda é particularmente importante em períodos de crise.**

No fundo, a burguesia é indiferente à condição operária (p. 307), ela “*não pode conceber uma relação com o operário que não seja a da compra-venda; não vê no operário um homem, vê mãos*” (p. 308).

Mãos que produzem, mas também mãos perigosas, que podem se rebelar contra ela. Por isso a necessidade de sua exploração se alicerçar na dominação e opressão estatal contra o proletariado:

À livre concorrência repugnam quaisquer limites, quaisquer controles estatais; o Estado aparece-lhe como um estorvo: seu ideal seria operar numa ordem social privada de Estado, na qual cada um pudesse explorar livremente o próximo, como, por exemplo, na ‘Associação’ do nosso amigo Stirner. Mas como não pode dispensar o Estado, já que não teria como conter o proletariado sem ele, a burguesia utiliza-o contra a classe operária, ao mesmo tempo em que procura, na medida do possível, afastá-lo de seus próprios negócios (p. 309).

As experiências do proletariado frente ao Estado são mais uma confirmação de que ele está só, de que não há ninguém por ele! Os poderes do Estado, seus agentes, inclusive os que deveriam “fazer justiça” em conflitos trabalhistas, servem a uma classe: a proprietária.

É claro que, para o burguês, a lei é sagrada: trata-se de obra sua, votada com sua concordância, produzida para protegê-lo e garantir seus privilégios; ele sabe que, embora uma lei singular possa prejudicá-lo eventualmente, o conjunto da legislação assegura seus interesses e sabe, sobretudo, que o caráter

sagrado da lei, a intangibilidade da ordem social consagrada pela participação ativa da vontade de uma parte da sociedade e pela passividade da outra, é o sustentáculo mais poderoso de sua posição social. O burguês encontra-se a si mesmo na lei, como se encontra em seu próprio deus - por isso, ele a considera sagrada e, também por isso, a borduna policial, que no fundo é a sua borduna, exerce sobre ele um efeito tranquilizador de admirável eficácia. Para o operário, as coisas se apresentam completamente diversas. O operário sabe muitíssimo bem – porque aprendeu várias vezes, por experiência direta e própria – que a lei é um látigo produzido pelo burguês; por isso, se não for obrigado, não a cumpre. É ridículo afirmar que o operário inglês teme a polícia: em Manchester, leva corretivos todas as semanas e, no ano passado, chegou-se a assaltar um posto policial, num prédio protegido por portas de ferro e pesadas janelas (p. 261).

E Engels continua:

É evidente que o conjunto da legislação tem o objetivo de proteger os proprietários contra os despossuídos. As leis são necessárias exatamente porque existem os despossuídos e, mesmo que poucas leis o expressem diretamente – como, por exemplo, aquelas contra a vadiagem e aquelas que punem a falta de residência fixa, pelas quais o proletariado como tal é declarado fora da lei –, a hostilidade em face do proletariado está na base do ordenamento jurídico. E isto se demonstra quando os juízes, especialmente os juízes de paz, eles mesmos burgueses e com os quais o proletariado se relaciona com mais frequência, interpretam nesse sentido hostil, e sem vacilações, o espírito das leis. Quando um rico vai a tribunal, ou melhor, é convidado a ir a um tribunal, o juiz começa por lamentar os incômodos que está lhe causando, esforça-se por julgar o caso a seu favor e, se é obrigado a condená-lo, de novo lamenta-se infinitamente etc., e o resultado não passa de uma mera multa pecuniária, que o burguês paga, com enorme desprezo, colocando o dinheiro sobre a mesa antes de se retirar. Mas se é um pobre diabo a comparecer diante do juiz de paz, certamente

ele já passou a noite anterior na cadeia com um punhado de outros detidos, é considerado a priori um elemento perigoso e culpado, é severamente interpelado pelo juiz e sua defesa é desqualificada com um desdenhoso: Já ouvimos essa história antes! e se lhe impõe uma multa pecuniária que se sabe que ele não pode pagar e, portanto, que deve resgatar através de meses de trabalho forçado; e mesmo quando não se consegue provar sua culpabilidade, vai parar de qualquer jeito na penitenciária como a rogue and a vagabond [um mendigo e um vagabundo] - essas palavras estão quase sempre associadas. A parcialidade dos juízes de paz, particularmente no campo, supera a imaginação e é tão usual que os jornais noticiam os casos menos clamorosos sem qualquer comentário. [...] E, tal como os juízes de paz, comporta-se a polícia. O burguês pode fazer o que quiser: diante dele, o policial é sempre cortês e atém-se estritamente à lei; o proletário, em compensação, é tratado com violência e brutalidade, sua pobreza atrai sobre ele a suspeição acerca de todos os delitos imagináveis e, ao mesmo tempo, torna-lhe inacessíveis os recursos legais contra o arbítrio dos que detêm o poder. Para o proletário não existem as garantias protetoras da lei; a polícia entra em sua casa sem nenhum mandado, prende-o e maltrata-o (p. 312).

Como não lembrar dos versos da Internacional: “O crime de rico a lei o cobre, / O Estado esmaga o oprimido. / Não há direitos para o pobre, / Ao rico tudo é permitido”? O que são as prisões do Estado capitalista a não ser, desde o princípio, campos de concentração de trabalhadores, de pobres descartados pelo capital?

A violência do estado, sua crueza, quanto mais cresce, mais reforça a demarcação de campo entre as classes.

Nunca se afirmou com tanta sinceridade, com tanta franqueza, que os que nada possuem só existem para ser explorados pelos proprietários e para morrer de fome quando estes já não mais puderem utilizá-los. E também por isso, a nova lei sobre os pobres contribuiu vigorosamente para acelerar o desenvolvimento do movimento operário (p. 323).

Considerações finais

O jovem Engels observou que o capitalismo nascente na Inglaterra, com suas impressionantes revoluções técnicas, não se reverteu em melhoria de vida, menos trabalho, mais riqueza para a imensa maioria da população, as classes trabalhadoras. Pelo contrário. Por se basear no lucro de uma pequena minoria proprietária, todo esse progresso se reverteu em mais exploração e miséria para a grande maioria, que se proletarizava – ou seja, perdia todos os meios de subsistência e era obrigada a vender sua força de trabalho para sobreviver. Volta e meia essa situação ainda era agravada com crises econômicas cíclicas.

Diante de uma sociedade profundamente cindida, de um lado a burguesia, sua riqueza e seu Estado, de outro as classes trabalhadoras, suas vidas precárias e instáveis, sob ameaça constante de serem descartadas pelo capital, a realidade da luta de classes, de um antagonismo permanente, torna-se inescapável no capitalismo. A burguesia busca de todas as formas manter o seu domínio. As massas proletárias são impelidas a resistir, lutar por mínimas condições de vida e trabalho, rebelar-se por sua dignidade.

No processo dessa luta, tais massas buscam superar suas diferenças e concorrências, constituir-se enquanto unidade e força, enquanto são atacadas de todas as formas pelos patrões e seu Estado. **Para elas só há solução definitiva com o fim dessa sociedade de exploração e opressão**

que é a capitalista, mesmo que melhorias parciais e temporárias possam ser conquistadas.

Essas características gerais do capitalismo e da luta de classes entre burguesia e proletariado, identificadas por Engels em seu estudo da Inglaterra de meados do século XIX, permanecem muito atuais, e inúmeros são os exemplos do mundo hoje que podemos ressaltar. Inclusive, fatos tão dramáticos quanto os de sua pesquisa.

Hoje, mesmo com todo o avanço tecnológico, toda a imensa capacidade produtiva, impensáveis na época de Engels, a forma como a produção é organizada e apropriada não permitem que a maioria da população tenha uma vida digna. Apesar de o planeta hoje produzir [mais de 2 bilhões de toneladas de grãos](#), a [fome ainda atinge cerca de 700 milhões de pessoas no mundo](#), por exemplo. Tal realidade causa anualmente [pelo menos 9 milhões de mortes por desnutrição](#), além de doenças crônicas.

Por outro lado, nunca a riqueza da burguesia foi tão astronômica, a propriedade tão concentrada nas mãos de alguns poucos. [Antes da atual crise](#), os pouco mais de 2 mil bilionários no mundo possuíam mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas, cerca de 60% da população mundial. As coisas ainda pioraram com a atual crise: os bilionários aumentaram sua riqueza enquanto uma [centena de milhão de pessoas foi jogada na mais extrema pobreza](#).

Por falar em crises, as últimas duas grandes crises do capital têm deteriorado fortemente a vida das classes trabalhadoras. Em 2019, cerca de dez anos após uma imensa crise global, quase meio bilhão de trabalhadores estavam subutilizados (desempregados, subocupados, força de trabalho em potencial), fora outros tantos em desalento, [segundo a OIT](#). Aqueles que conseguem trabalho, em sua maioria, sofrem as condições mais precárias na informalidade. Enquanto os que conseguem emprego formal estão a sofrer contínuas reformas trabalhistas, com redução de conquistas, mais insegurança, menos salários.

Em 2020, também de acordo com a OIT, todo esse cenário piorou drasticamente com mais uma crise. A atual previsão é que o ano feche com menos 245 milhões de empregos no mundo. Isso sem contar uma nova onda de inovações tecnológicas (multiplicação de robôs aplicados à produção etc.) que tende a trazer uma rodada a mais de desemprego.

De um lado, riqueza a perder de vista. De outro, exploração e miséria. E com constantes crises econômicas e revoluções técnicas que tendem a prejudicar ainda mais os proletários. Tal qual Engels afirmou!

Também continua extremamente atual a imensa opressão e exploração sofridas pelas massas proletárias. Apenas um exemplo. Hoje, o centro da indústria têxtil do mundo não é mais a Inglaterra nem a Europa. O atual centro fica na Ásia. Bangladesh, um pequeno país com aproximadamente cento e cinquenta milhões de habitantes, concentra milhares de fábricas têxteis, empregando nelas mais do que toda a população de Londres da época de Engels. Grandes monopólios e marcas poderosas do mundo todo estão lá para explorar aqueles operários (em sua maioria absoluta mulheres, e com uma porcentagem significativa de crianças), que possuem um dos salários mais baixos e uma das jornadas de trabalho mais longas do mundo.

Em 2013, na capital Daca, um prédio com fábricas têxteis (inclusive de grandes marcas ocidentais, como a H&M, Benetton e Primak) desabou, matando mais de mil operários e ferindo mais de dois mil. O prédio já estava interditado por extremo risco de desabamento, mas os patrões mesmo assim obrigaram os trabalhadores a continuarem sua rotina.

Um ano antes, também em Daca, uma fábrica da Tazreen Fashion, que produzia para a C&A, Walmart etc., pegou fogo, matando e ferindo centenas de operários. E esse foi apenas um dos vários de incêndios em fábricas nos últimos anos em Bangladesh.

Não seria essa uma situação exemplar para o que Engels chamava de assassinato social da burguesia?

Não por acaso, as classes trabalhadoras continuam a lutar por melhores condições de vida e de trabalho em todo o mundo. Rebelam-se para não serem reduzidas à animalidade, defendem sua dignidade. Buscam forjar a união dos trabalhadores, se organizar, mesmo com as imensas dificuldades que isso acarreta. Lançam-se à greve, ao protesto de rua, ao socorro mútuo.

De outro lado, os patrões continuamente buscam sabotar esse processo, utilizando-se dos mais sofisticados aos mais brutais mecanismos repressivos e ideológicos.

Luta de classes, tal qual Engels via nas ruas e fábricas de Manchester na revolução industrial.



Operários/as de Bangladesh em greve, 2019.

O estudo da obra de Engels continua sendo indispensável para a luta contra a burguesia e um impulso para a revolução proletária!

Proletários de todos os países, uni-vos!



Cem Flores

Dezembro de 2020

O **CEM FLORES** É UM ESPAÇO CONSTRUÍDO POR UM COLETIVO DE CAMARADAS COM O OBJETIVO DE ATINGIR AQUELES QUE, ATRAVÉS DO MARXISMO, OPTARAM POR PENSAR COM SUAS PRÓPRIAS CABEÇAS E DESEJAM UM ESPAÇO PARA ESGRIMIREM SUAS IDEIAS SOBRE O RUMO DO SOCIALISMO E A TEORIA QUE O ILUMINA.

CEMFLORES.ORG

CEMFLORES@CEMFLORES.ORG

WWW.FACEBOOK.COM/CEMFLORES